# O Genocídio e a Ação

# do Principal Pastor Adventista

# em Ruanda

## A FÉ DOS TUTSIS EM "UM HOMEM DE DEUS" DEMONSTROU SER FATAL

**Sobreviventes dos massacres recordam um homem, um pastor adventista que traiu os que confiaram nele as suas vidas. Ruanda:**

Sobreviventes do Genocídio

MUGONERO, Rwanda - Quando o Genocídio começou em 1994, os moradores de etnia Tutsi da vila de Mugonero e seus arredores fugiram para o calmo complexo da Igreja Adventista do Sétimo Dia que havia lá.

O Rev. Elizaphan Ntakirutimana, da etnia Hutu, o qual administrava o complexo da Igreja com autoridade real, no princípio parecia ser um salvador. Ele deu boas-vindas aos Tutsis ao complexo da Igreja, um campus gramado que contém um hospital e escolas que tinha sido um porto seguro durante pogrons passados. Ele enviou os emissários as áreas rurais para encorajar que os Tutsi ligados a igreja fossem se refugiar no santuário em Mugonero.

Quando os 8.000 refugiados no complexo viram Mr. Ntakirutimana mantendo encontros com os líderes políticos Hutus , eles imaginaram que ele estava fazendo arranjos para o resgate do massacre em massa no qual os hutus vinham engolfando a nação.

Isso provou ser um falso sentimento de segurança, e uma fatalidade também.

Mr. Ntakirutimana não era o que ele parecia. Hoje, ele esta sendo acusado de ajudar nos assassinatos desses que ele dizia que pretendia resgatar. Sobreviventes dizem agora que eles foram traídos por este homem, e eles estão exigindo o retorno dele da nação onde ele encontrou abrigo - os Estados Unidos.

Em 16 de abril de 1994, testemunhas agora dizem que o Sr. Ntakirutimana (pronuncia-se In-TAW-key-ruti-mana ) dirigiu-se para o complexo de Mugonero em sua própria pick up Toyota bege Hilux, conduzindo uma carreata de soldados de Hutu e a milícia. As tropas cercaram o campo e começaram a lançar granadas por cima das paredes.

**ÉRA UM SÁBADO, O DIA SANTIFICADO PELOS ADVENTISTAS.**

A matança continuou por 11 horas, os hutus da milícia usavam armas de fogo, machetes e paus. Algumas vítimas lutaram com pedras. Os que não caíram se retiraram para os lugares fechados.
Então os assassinos se encaminharam para dentro dos escritórios, salas de aula, dormitórios e casas, onde as mulheres e crianças estavam refugiadas. Eles mataram na Igreja. Eles mataram no hospital.

*"Meu filho de 3 anos pedia-lhes para não ser morto, pedia-lhes perdão por ser Tutsi e dizia-lhes que não seria Tutsi por mais tempo"* disse a sobrevivente Lydia Nirara em seu testemunho escrito um ano depois. Seu filho e sete de suas onze crianças foram mortas.

Quando a matança terminou afinal às 22 horas, só alguns entre o 8,000 Tutsis sobreviveram - muitos se escondendo debaixo dos corpos que os milicianos amontoaram na ala cirúrgica do hospital. Os sobreviventes deslizaram à noite fora do complexo e buscaram refúgio nas montanhas circunvizinhas.

Mais tarde os sobreviventes puderam contar as suas histórias. Muitos disseram que viram Mr. Ntakirutimana supervisionando o desenvolvimento da matança. Alguns disseram que ele convocou uma lista de nomes dos que deveriam morrer. Muitos disseram que nos dias que se seguiram ele ajudou caçar os sobreviventes nas montanhas. Um homem diz que ele viu o pastor descarregar uma arma.

Embora os detalhes dos testemunhos dos sobreviventes variem, todos eles concordam que Sr. Ntakirutimana, Presidente da Igreja Adventista na Região da prefeitura de Kibuye ocidental, era um participante ativo e disposto no genocídio - que ele traiu milhares das pessoas que tinham o confiado suas vidas a ele.

*"O que me dá aflição é que depois que o pastor participou de todas estas mortes, ele nem fez questão para que se cuida-se de enterrar os mortos, incluindo outros pastores adventistas que também foram mortos"*. Nirara disse no seu testemunho: *"Os corpos ficaram expostos durante semanas, comidos pelos cachorros e pelas aves de rapina"* (veja figuras abaixo).

Em setembro de 1996,o pastor foi um dos primeiros indiciados pelo Tribunal Internacional Criminal para Ruanda, o organismo das Nações Unidas que esta julgando os crimes de guerra cometidos durante o genocídio de 1994. O Filho do Pastor, o médico Dr. Gerard, também foi indiciado.

**O médico adventista do sétimo dia, Dr. Gerard, filho do pastor Ntakirutimana**

Mas o Pastor Ntakirutimana não se apresentaria na sala do tribunal em Arusha, Tanzânia. Ele é o único dos Ruandeses que participaram do genocídio que esta sob custódia nos Estados Unidos Ele lutou contra a extradição por longo tempo e por longo tempo teve êxito.

*"Nós nos sentimos gratificados agora pois os americanos prenderam o pastor"*, disse Samuel Ndagijimana, 32, Um sobrevivente que trabalhava no hospital, Samuel perdeu mais de 30 parentes no genocídio. *"Nós sentimos um pouco de alívio em saber que ele está na prisão, mas nós não entendemos por até agora ele não foi julgado"*.

**Pastor Elizaphan Ntakirutimana, presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Ruanda, na época do genocídio.**

O Sr. Ntakirutimana, 74, foi preso em 1996 em Laredo, Texas, onde ele e seu filho Eliel, um anestesista local residem. A prisão veio em resposta a um pedido de extradição feito pelo tribunal da ONU. Ele é acusado de Genocídio e por crimes contra a humanidade. Ele e sua família montaram uma vigorosa defesa, questionando que a Lei norte americana sobre a extradição de suspeitos para tribunais de crimes de guerra é ilegal.

**Casa onde o pastor adventista do sétimo dia, Elizaphan Ntakrutimana, permaneceu refugiado, em Laredo, Texas, EUA.**

Um magistrado federal declarou em dezembro que a lei que permite extradições a tribunais internacionais que investigam crimes de guerra em Ruanda, e anteriormente na Iugoslávia, era inconstitucional porque não há nenhum tratado norte-americano com qualquer tribunal.Ele pedia a libertação do Sr. Ntakirutimana.

Atuando em um novo pedido de extradição do Tribunal Penal Internacional Para o Genocídio de Ruanda, o Departamento de Justiça norte-americano determinou a prisão do Sr. Ntakirutimana em fevereiro. No mês passado um Juiz federal aprovou o pedido de extradição e o Sr. Ntakirutimana está na prisão dependendo de um apelo daquela decisão. O caso dele se tornou focal para a relutância de alguns americanos em conceder autoridade judicial a um tribunal internacional.

*"Nenhuma nação, ou pessoa, deveria estar sujeita a um julgamento e castigo imposto por um tribunal criado por um poder completamente estrangeiro"*, alegou no ano passado no tribunal em nome de Sr. Ntakirutimana o advogado, General norte-americano, Ramsey Clark .

Os advogados de Mr. Ntakirutimana alegaram que o caso contra o pastor teria sido fabricado pelo governo Tutsi, que tomou o poder depois do genocídio. Eles dizem que o Governo está promovendo uma revanche contra proeminentes Hutus.

O que aconteceu em Ruanda se torna incompreensivel. Isso lembra uma psicose coletiva durante aqueles 3 meses em 1994 quando a maioria Hutu foi excitada ao extremo pelo governo para exterminar os Tutsis, povo que historicamente era reconhecido como opressor dos Hutus.

*"É uma história triste para um pastor que pregou amor e paz violar a paz de outros, mas não era só em nossa igreja onde isto estava acontecendo"*, disse Amon Rugelinyange, presidente geral Igreja Adventista do Sétimo Dia em Ruanda que perdeu sua esposa, três crianças e oito netos no genocídio.

As tensões entre Hutus e Tutsis estavam subindo em Ruanda desde o inicio de 1994, mas poucos imaginaram o horror que se aproximava.

A região da prefeitura de Kibuye na Ruanda ocidental, é uma região empolgante, marcada por colinas escarpadas que terminam no lago Kivu, o sentimento anti-Tutsi lentamente aflorou na população. Kibuye era historicamente a região onde havia a maior concentração de Tutsis, suas terras eram apropriadas para a criação de gado, uma ocupação tradicional dos Tutsis.

As tensões também eram sentidas em Mugonero onde o complexo do hospital IASD foi construído por missionários americanos 70 anos atrás em uma colina gramada agradável de onde se ve o Lago Kivu.

Em uma nação onde a maioria das pessoas é o católica romana, a IASD sempre parecia se identificar mais de perto com a igreja deles As rivalidades tradicionais entre os Tutsis esguios e os Hutus entroncados não pareciam se aplicar.

Sr. Ntakirutimana era famoso em Ruanda ocidental. Como a cabeça da IASD em em Kibuye, ele comandava uma posição de autoridade e aparentava riqueza. As sete crianças dele eram bem-educadas. Ninguém poderia recordar já ter ouvido Elizaphan Ntakirutimana expressar sentimentos anti-Tutsi em público.

Mas o Sr. Ntakirutimana nunca foi considerado como um homem do povo. Em um lugar como Kibuye, onde quase ninguém possui um veículo, a medida do caráter de um homem é se ele dá uma carona para as pessoas, os residentes recordaram que o pastor nunca parou o pick-up dele para caronas.

Ndagijimana, o trabalhador de hospital e sobrevivente, disse que uma vez o filho do pastor lhe ofereceu uma viagem até a capital da provincia. Mas Gerard Ntakirutimana pediu para que ele saísse do pickup antes de eles chegassem ao hospital, de forma que o pai dele não visse que ele estava dando carona a empregados.

*Era um fato conhecido de que o pastor era elitista, Mas nos não sabiamos que e também nutria preconceitos etnicos"*, disse Ndagijimana.

Isaac Ndwaniye certamente não sabia que o pastor era Anti-Tutsi.

Ndwaniye, um Tutsi, era diretor de publicações para a igreja em Mugonero. Ele trabalhava no mesmo escritório que o pastor. O crescimento das tensoes em Mugonero no inicio de 1994 Foi bastante preocupante quando Ndwaniye foi chamado a capital, Kigali, para tratar de negocios no dia 5 de abril, ele fez questão de pedir para o pastor que cuidasse de sua esposa e seus nove filhos.

*"Eu pedi ao pastor para cuidar da minha família"*, disse Ndwaniye, o qual é agora diretor de publicações da sede nacional da Igreja.

No dia seguinte Ndwaniye foi para Kigali, O genocídio começou . Ele perdeu toda a família.

O genocídio de Ruanda começou no dia 6 de abril depois que um projétil lançado dos pântanos próximos do aeroporto de Kigali derrubou o avião do Presidente Juvenal Habyarimana, um Hutu que tinha negociado um acordo de poder compartilhado com os Tutsis rebeldes e que dessa forma enfureceu os Hutus extremistas.

Dentro de horas, a Estação de rádio nas mãos de Hutus culpou os Tutsis pelo assassinato e encorajou a população a matar todas as "BARATAS" termo pejorativo que os Hutus usavam para referir-se aos Tutsis.

Antes do final do dia, em Mugonero, bandos de milicianos Hutus e ativistas em partidos políticos extremistas começaram a incendiar e pilhar as casas de Tutsis.

O Tutsis apavorados fugiram para o hospital, o lugar que tinha provido um porto seguro durante massacres anti-Tutsi em 1959 e 1973, quando o hospital foi era operado por missionários americanos.

Protegidos pela polícia, os refugiados logo lotaram os edifícios do hospital muito além da capacidade. Os homens acamparam nos gramados enquanto as mulheres e crianças ficaram em lugar fechado. Eles pagaram os policiais que vigiavam para trazer comida para eles e logo desenvolveram um laço mais caloroso com os policiais protetores.

Sr. Ntakirutimana parecia ser simpatizante, também. Quando ele ouviu que o diretor da escola secundária adventista, Jean Nkuranga, estava escondido na zona rural, ele enviou uma mensagem para que ele viesse urgentemente para a segurança do complexo de mugonero, Jean Nkuranga veio e morreu assassinado.

Com o passar dos dias, Tutsis feridos foram chegando da zona rural, cortados a machetes, feridos a tiros e histórias horrorosas sobre o derramamento de sangue que estava ocorrendo. Gerard Ntakirutimana tratou os pacientes no hospital. Mas nem tudo estava seguro no complexo.

Os refugiados notaram que o pastor e o filho dele freqüentemente se reuniram com os líderes políticos e empresariais no escritório de hospital. *"Nós pensavamos que essas reuniões eram para nossa proteção, que eles estavam discutindo modos para nos"* salvar, disse Ndagijimana, o trabalhador do hospital.

Alguns dias depois, Gerard Ntakirutimana ordenou que os trabalhadores do hospital deixassem de tratar Tutsis feridos, dizendo isto era um desperdício de medicamentos, disseram os sobreviventes. E então os funcionários do hospital disseram para os trabalhadores Hutus que deixassem o complexo.

No dia 15 de abril, o chefe policial reuniu-se com os líderes políticos. *"Quando ele voltou, disse para as pessoas que ele já não tinha autoridade para os proteger, e que eles deveriam morrer"*, recorda-se Bimenyimana Manesse, ele disse que isso tinha sido uma decisão do governo.

Sabendo eles estavam condenados, os 6 pastores adventistas que que tinham buscado refúgio ao complexo da igreja escreveram para um apelo ao prefeito local, Charles Sindikubwabo cujo pai era um pastor adventista.

Eles escreveram uma segunda carta pedindo a intervenção do pastor Ntakirutimana. O Sr. Ntakirutimana enviou uma mensagem dizendo que não havia nada que ele poderia fazer. O pastor não foi visto até o dia seguinte, quando os sobreviventes dizem que ele conduziu a carreata de caminhões com milícia e a polícia nacional. A maioria dos sobreviventes dizem que eles não ouviram o pastor dizer qualquer coisa. Elie Gashi, 37, um zelador que ainda vive em Mugonero, disse que o pastor Ntakirutimana veio e disse para os Tutsis que eles seriam mortos dizendo: *"Vocês devem morre como homens, não como crianças"*. Outra testemunha disse que o pastor leu que uma lista de nomes de Tutsis que acreditaram que teriam um tratamento especial, pois eram intelectuais.

*"Ele leu em voz alta uma lista dos nomes das pessoas a serem mortas usando o alto-falante", Esdras Nzamwita testemunhou em 1995. "Eu ouvi a leitura da lista, mas eu não o vi matar ninguém".*

Sem armas, poucos Tutsis poderiam lutar. Alguns lançaram pedras. A maioria tentou agrupar as suas famílias. Depois do massacre a Mugonero, os sobreviventes fugiram. Alguns buscaram refúgio à noite em uma igreja adventista, em Murambi, mas eles disseram que o Sr. Ntakirutimana e o filho ordenaram que os trabalhadores removessem o telhado da igreja assim o abrigo seria inabitável. Aproximadamente 50,000 pessoas que escaparam de aldeias na região se retiraram à montanha chamada Bisesero, que agora ficou famosa como um dos poucos lugares onde Tutsis resistiram à arremetida. em Rwanda. Quase diariamente a milícia de Hutu vinha à montanha para

caçar o Tutsis que moravam nos bosques. segundo testemunhas acompanhados pelo pastor e pelo filho dele.

Muitos afirmam que Gerard Ntakirutimana foi visto usando calças curtas e atirando. Outros disseram que o doutor tentou atrair os resistentes fora dos bosques enviando uma falsa mensagem que os soldados americanos tinham vindo protegê-los. Pascal Bayingana, 39, um fazendeiro que perdeu a esposa e uma criança no complexo, disse que o Sr. Ntakirutimana atirou, permanecendo ele e três crianças durante o dois-mêses que Biseser foi sitiada. *"Eu o vi atirar em minhas crianças"*, Bayingana disse. Ele é a única pessoa que diz que viu o pastor com uma arma.

Quando o exército francês chegou a Bisesero perto do fim de junho, os soldados acharam só aproximadamente mil Tutsis vivos.

Com a reação, os Hutus que provocaram o genocídio fugiram de Rwanda, os Tutsis rebeldes tomaram o poder no fim de junho e começo de julho. O Sr. Ntakirutimana estava entre as centenas de milhares que fugiram. Muitos Hutus que fugiram para evitar retribuição se instalaram em acampamentos no Zaire, Atualmente chamado de Congo. O Sr. Ntakirutimana fugiu para Zâmbia onde o filho dele, Eliel tinha providenciado um visto norte-americano; o pastor contudo não foi acusado pelo tribunal. De lá, ele viajou para o casa do filho dele no Texas. Gerard Ntakirutimana fugiu para a Costa de Marfim. Ele foi preso a pedido do tribunal internacional e foi transferido para a Tanzânia. Ele está entre 31 prisioneiros em Arusha, Tanzânia, esperando julgamento.

Depois do genocídio, investigadores internacionais vieram a Ruanda. Alison Des Forjas, investigador dos Direitos humanos , chegou a sede dos adventistas do sétimo-dia em Kigali em 1994 para entrevistar os sobreviventes de outro massacre de igreja. *"As pessoas mencionaram Ntakirutimana"* espontaneamente, ela disse.

O Rev. Ntakirutimana recusou entrevistas, mas ele escreveu uma carta no ano passado para o presidente da Associação dos Adventistas do Sétimo dia no Texas na qual ele negou incitar qualquer pessoa a matar as pessoas que ele reuniu em Mugonero. Sr. Ntakirutimana disse que ele pediu para um prefeito militar que protegesse as famílias da igreja na manhã do massacre de Mugonero. Então ele e o filho Gerard carregaram as suas famílias para fora em dois pickups e e só retornaram depois de 11 dias.

Depois do genocídio, o novo governo Tutsi construiu um muro e um memorial comemorativo ao redor um das sepulturas coletivas dentro do complexo da igreja onde estão enterrados corpos sob um canteiro de lirios. A outra sepultura onde foram jogados corpos em uma trincheira, esta sem marca.

Hoje Mugonero se aparece calma. Os edifícios foram reconstruídos com portas novas e janelas para substituir as que foram roubadas . Os buracos de bala foram consertados e foram pintados.
A igreja amarelo-pálida com assentos de banco de concreto onde muitos morreram já não é usada para serviços. Se tornou um memorial silencioso, contendo quatro caixões drapejados com linho branco marcado com cruzes de preto (veja figura abaixo).

Em um país tão minúsculo quanto Ruanda, poucas pessoas têm segredos. Havia 250,000 Tutsis no distrito de Kibuye antes do genocídio. Só aproximadamente 8,000 permanecem. Eles sabem quem fez a matança.

Manesse, o empregado do hospital, sente-se desconfortavel trabalhando no lugar onde os familiares dele morreram junto com tantos outros. Ele sabe que, não há muito tempo, alguns dos pacientes e alguns dos vizinhos dele gostariam de te-lo visto morto.

*"Se eu pudesse achar outros meios para ganhar dinheiro, eu não trabalharia aqui"*, ele disse. "Às vezes eu trato as pessoas que eu penso que estavam envolvidas no genocídio, e tenho que fazer isto como um trabalhador médico. Mas eu não gosto."

Confira também em:

http://www.adventistasleigos.com/RWANDA/fenohomem.htm

http://www.adventistas.com/abril2004/ruanda_fehomens.htm

http://www.maykuth.com/index.htm

# Jornalista Descreve Participação de Pastor e Médico Adventista no Genocídio de Ruanda

*Entre abril e julho de 1994 mais de um décimo da população de Ruanda foi exterminada, num genocídio só comparável ao Holocausto dos judeus sob o nazismo. Patrocinada pelo governo ruandês, a maioria hutu massacrou a minoria tutsi diante da indiferença da chamada "comunidade internacional". A tragédia, supostamente motivada pelo "ódio ancestral" entre as duas etnias, teve na verdade origens políticas e econômicas muito concretas.*

*Durante três anos, o jornalista norte-americano **Philip Gourevitch** mergulhou na realidade ruandesa para tentar desvendar o amplo contexto cultural, político e étnico dos acontecimentos. Ouviu centenas de pessoas, reconstituindo o drama pessoal dos envolvidos na tragédia, fossem eles sobreviventes, assassinos ou cúmplices. Pesquisou as histórias recente e remota do país e, ao traçar o desenvolvimento das tensões étnicas*

*em Ruanda, reuniu indícios suficientes para questionar a atuação dos colonizadores belgas e de outras potências ocidentais na região.*

*Lúcido e pungente, o livro é ao mesmo tempo testemunho e reflexão sobre um dos episódios mais terríveis de nosso tempo, mostrando como, ainda hoje, a distância entre civilização e barbárie pode ser curta.*

*O texto a seguir foi retirado das páginas 31 a 38 do Livro* ***"Gostaríamos de Informá-lo de que Amanhã Seremos Mortos Com Nossas Famílias"*** *do jornalista* ***Philip Gourevitch (best seller internacional)****, publicado pela "Companhia das Letras". Você precisa ler! Somente lendo o livro, você poderá ter uma idéia de tudo que ocorreu em Rwanda, e as motivações do acontecido. O livro pode ser encontrado em São Paulo nas livrarias "Siciliano", ou adquirido através da Internet (link acima).*

---

## 2.

Se você pudesse andar direto para o oeste a partir do memorial do massacre em Nyarubuye, atravessando Ruanda de uma ponta a outra, sobre os morros, pântanos, lagos e rios até a província de Kibuye, então, um pouco antes de cair no grande mar interior que é o lago Kivu, você depararia com outra cidade de montanha. Essa montanha chama-se Mugonero, e ela, também, é coroada por uma grande igreja.

Embora Ruanda seja esmagadoramente católica, os protestantes evangelizaram grande parte de Kibuye, e Mugonero é sede da missão dos Adventistas do Sétimo Dia. O lugar, com suas construções de tijolos aparentes, lembra mais o campus de uma faculdade americana que uma aldeia africana. Limpas alamedas comunicam a grande igreja a uma capela menor, a uma creche, a uma enfermaria e a um complexo hospitalar que goza da reputação de oferecer um excelente serviço médico.

Foi no hospital que Samuel Ndagijimana buscou refúgio durante as chacinas, e, embora uma das primeiras coisas que ele me disse tenha sido "Eu esqueço pouco a pouco, logo ficou claro que não esquecera tanto quanto gostaria.

Samuel trabalhava como assistente no hospital. Havia entrado no serviço em 1991, aos 25 anos. Perguntei-lhe sobre sua vida na época que os ruandeses chamam de "Antes” Ele disse: "Éramos simples cristãos.” Isso era tudo. Eu podia ter perguntado sobre outra pessoa, que ele houvesse conhecido apenas de passagem e que não lhe dizia respeito.

Era como se suas primeiras lembranças verdadeiras fossem dos primeiros dias de abril de 1994, quando ele viu milicianos hutus realizando exercícios públicos do lado de fora dos prédios governamentais em Mugonero. "Observávamos os jovens saírem toda noite, e as pessoas falavam sobre isso no rádio, disse Samuel." Eram apenas membros dos grupos do Poder Hutu que iam, e aqueles que não participavam eram chamados de “inimigos”.

No dia 6 de abril, algumas noites depois que a movimentação começou, o ditador hutu de longa data, presidente Juvénal Habyarimana, foi assassinado em Kigali, e uma panelinha de líderes do Poder Hutu que faziam parte do alto comando militar tomou o poder. "O rádio anunciou que as pessoas não deviam sair de casa", disse Samuel.

"Começamos a ver grupos de sujeitos se reunindo naquela mesma noite, e quando saímos de manhã para trabalhar, vimos esses grupos junto com os líderes locais do Poder Hutu, organizando a população. A gente não sabia exatamente o que havia, só sabia que alguma coisa estava para acontecer.

No trabalho, Samuel observou "uma mudança de clima”. Ele disse que "ninguém conversava mais com ninguém, e muitos de seus colegas passavam todo o tempo em reuniões com um certo dr. Gerard, que não fazia segredo de seu apoio ao Poder Hutu.

Samuel ficou chocado com isso, porque o dr. Gerard fora educado nos Estados Unidos, e era filho do presidente da Igreja Adventista em Kibuye, portanto era visto como uma figura de grande autoridade, um líder da comunidade - alguém que serve como exemplo.

Depois de alguns dias, quando Samuel olhava para o sul, através do vale, viu casas pegando fogo em aldeias à margem do lago. Decidiu ficar no hospital da igreja até que os problemas terminassem, e famílias tutsis de Mugonero e arredores logo tiveram a mesma idéia. Essa era uma tradição em Ruanda. "Sempre que havia problemas, as pessoas corriam para a igreja," disse Samuel. "Os pastores eram cristãos."

A gente confiava que nada aconteceria no local deles. De fato, muitas pessoas de Mugonero me disseram que o pai do dr. Gerard, o pastor Elizaphan Ntakirutimana, presidente da igreja, esteve orientando pessoalmente os tutsis a reunir-se no complexo adventista.

Tutsis feridos convergiam para Mugonero, vindos de todas as partes da região do lago. Eles vinham pelo mato, tentando evitar as incontáveis barreiras policiais montadas pelas milícias ao longo da estrada, e traziam histórias. Alguns contavam como, alguns quilômetros ao norte, em Gishyita, o prefeito estava tão frenético em sua impaciência

para matar tutsis que milhares haviam sido chacinados ainda a caminho da igreja para onde ele os arrebanhara, e ali foram massacrados os que sobraram.

Outros contavam como, alguns quilômetros ao sul, em Rwamatamu, mais de 10 mil tutsis se refugiaram na câmara municipal, e o prefeito havia trazido caminhões de policiais, soldados e milicianos com armas e granadas para cercar o local; atrás deles, ele armara populares com facões, para o caso de alguém escapar quando a fuzilaria começasse - e de fato haviam sobrado muito poucos fugitivos de Rwamatamu.

Dizia-se que um pastor adventista e seu filho colaboraram estreitamente com o prefeito na organização da chacina em Rwamatamu. Mas talvez Samuel não tenha ouvido a respeito disso dos feridos que encontrou, que chegavam "baleados ou atingidos por granadas, amputados de um braço, ou uma perna. Ele ainda imaginava que Mugonero pudesse ser poupada.

Em 12 de abril, o hospital estava lotado por uns 2 mil refugiados, e o suprimento de água fora cortado. Ninguém podia sair. Milicianos e membros da Guarda Presidencial haviam sitiado o complexo. Mas quando o dr. Gerard soube que várias dúzias de hutus estavam entre os refugiados, arranjou para que fossem evacuados. Ele também trancou a farmácia, negando tratamento aos feridos e doentes - porque eram tutsis, disse Samuel.

Espiando para fora de seu cativeiro, os refugiados no hospital viam o dr. Gerard e seu pai, o pastor Ntakirutimana, rodando para cima e para baixo com milicianos e membros da Guarda Presidencial.

## Os refugiados se perguntavam se aqueles homens haviam esquecido seu Deus.

Entre os tutsis no complexo da igreja e hospital de Mugonero estavam sete pastores adventistas que logo assumiram seu papel costumeiro de líderes do rebanho. Quando dois policiais apareceram no hospital para anunciar que seu trabalho era proteger os refugiados, os pastores tutsis fizeram uma coleta e levantaram quase quatrocentos dólares para os policiais.

Por vários dias, tudo esteve calmo. Então, quando caía a noite de 15 de abril, os policiais disseram que tinham de partir porque o hospital seria atacado na manhã seguinte. Foram embora num carro com o dr. Gerard, e os sete pastores aconselharam seus companheiros refugiados a se preparar para o fim. Então os pastores sentaram juntos e escreveram

cartas para o prefeito e para o superior deles, pastor Elizaphan Ntakirutimana, o pai do dr. Gerard, pedindo a eles em nome de Deus que intercedessem a seu favor.

E a resposta veio disse Samuel. "Foi o doutor Gerard que a anunciou: Sábado, dia 16, às nove em ponto da manhã, vocês serão atacados, Mas foi a resposta do pastor Ntakirutimana que arrasou o espírito de Samuel, e ele repetiu duas vezes, bem devagar, as palavras do presidente da igreja: "Já foi encontrada uma solução para o seu problema. Vocês devem morrer.

Um dos colegas de Samuel, Manase Bimenyimana, lembrava da resposta de Ntakirutimana de um modo ligeiramente diferente. Ele me disse que as palavras do pastor foram: "Vocês devem ser eliminados. Deus não quer mais vocês.

Em seu cargo de assistente hospitalar, Manase servia como criado doméstico de um dos médicos, e havia permanecido na casa do médico depois de instalar a mulher e os filhos - por segurança - entre os refugiados do hospital. Por volta de nove horas da manhã de sábado, 16 de abril, ele estava alimentando os cachorros do médico. Viu o dr. Gerard rodando em direção ao hospital num carro cheio de homens armados. Então, ouviu tiros e explosões de granadas.

"Quando os cachorros ouviram os gritos das pessoas, ele me disse, "também começaram a uivarl" Manase conseguiu chegar ao hospital - estupidamente, talvez, mas se sentia exposto e queria estar junto com a família. Encontrou os pastores tutsis instruindo os refugiados a se preparar para a morte.

"Fiquei muito desapontado, disse Manase. "Eu achava que ia morrer, e começamos a procurar qualquer coisa com que pudéssemos nos defender - pedras, tijolos quebrados, pedaços de pau. Mas eles não serviam para nada. As pessoas estavam fracas. Não tinham nada para comer. A fuzilaria começou, e as pessoas foram caindo e morrendo.

Havia muitos atacantes, lembrou Samuel, e vinham de todos os lados - "da igreja, dos fundos, do norte, do sul. Ouvíamos os tiros, os gritos e o slogan que cantavam: "Eliminem os tutsis!" Eles começaram a atirar em nós, e nós jogávamos pedras neles, porque não tínhamos outra coisa, nem mesmo um facão.

Estávamos famintos, cansados, ficáramos sem água por mais de um dia. Havia gente sem os braços. Havia mortos. Eles matavam as pessoas na capela, na escola e depois no hospital.

Vi o doutor Gerard, e vi o carro de seu pai passar pelo hospital e parar junto ao seu escritório. Por volta do meio-dia, fomos para um porão.

Eu estava com alguns parentes. Outros já haviam sido mortos. Os agressores começaram a arrombar as portas e a matar, disparando e lançando granadas. Os dois policiais que foram nossos protetores agora eram agressores. A comunidade local também ajudou. Quem não tinha armas de fogo tinha facões ou masus.

À noite, por volta de oito ou nove horas, começaram a lançar gás lacrimogêneo. As pessoas que ainda estavam vivas gritavam. Assim os invasores sabiam onde as pessoas estavam, e podiam matá-las diretamente. Na média nacional, os tutsis chegavam a pouco menos de 15% da população de Ruanda, mas na província de Kibuye a relação entre hutus e tutsis era mais ou menos meio a meio.

Em 6 de abril de 1994, cerca de 250 mil tutsis viviam em Kibuye, e um mês depois mais de 200 mil deles haviam sido assassinados. Em muitas aldeias de Kibuye, nenhum tutsi sobrevivera.

Manase me contou que ficou surpreso quando ouviu que "somente 1 milhão de pessoas" foram mortas em Ruanda. "Veja só quantas morreram só neste lugar, e quantas foram comidas pelos pássaros, disse ele. Era verdade que os mortos do genocídio foram uma grande bênção para os pássaros de Ruanda, mas os pássaros também foram úteis para os sobreviventes.

Assim como as aves de rapina formam uma frota no ar diante do avanço de um incêndio na floresta, para se banquetear com os animais que fogem espavoridos do inferno, também em Ruanda durante os meses de extermínio os bandos de abutres, milhares e corvos que sobrevoavam os locais de massacre desenhavam um mapa nacional no céu, sinalizando as zonas proibidas a pessoas como Samuel e Manase, que se esconderam no mato para sobreviver.

Algum tempo antes da meia-noite de 16 de abril, os assassinos no complexo adventista de Mugonero, incapazes de encontrar alguém que houvesse escapado da matança, foram saquear as casas dos mortos. Samuel, no porão, e Manase escondido, com sua mulher e filhos assassinados, viram-se inexplicavelmente vivos.

Manase partiu imediatamente. Fugiu para a cidade vizinha de Murambi, onde se juntou a um pequeno grupo de sobreviventes de outros massacres, que também haviam buscado refúgio em igrejas adventistas. Por quase 24 horas, segundo ele, tiveram paz. Então o dr. Gerard veio com um comboio de milicianos.

Houve fuzilaria de novo, e Manase escapou. Dessa vez, fugiu para as montanhas, para um lugar chamado Bisesero, onde o rochedo é alto e escarpado, cheio de grutas e freqüentemente envolvido em nuvens. Bisesero foi o único lugar de Ruanda em que milhares de civis tutsis montaram uma defesa contra os hutus que tentavam matá-los.

"Olhando para a quantidade de gente que havia em Bisesero, nos convencemos de que poderíamos não morrer, contou-me Manase. E no começo, disse ele, "só mulheres e crianças foram mortas, porque os homens estavam lutando. Mas, com o tempo, dezenas de milhares de homens também tombaram ali.

Nas cidades atulhadas de cadáveres de Kibuye, tutsis vivos tornaram-se extremamente difíceis de achar. Mas os assassinos nunca desistiam. A caçada se concentrava em Bisesero, e os caçadores chegavam em caminhões e ônibus. "Quando viram a força da resistência, chamaram milícias de locais distantes", disse Manase.

"E eles não matavam simplesmente. Quando estávamos fracos, economizavam balas e nos matavam com lanças de bambu. Cortavam tendões de Aquiles e pescoços, mas não completamente, e deixavam as vítimas chorando por um longo tempo até morrer. Cachorros e gatos estavam lá, simplesmente comendo as pessoas.

Samuel também fugira para Bisesero. Ele havia ficado no hospital de Mugonero, "cheio de mortos até a uma da manhã. Então se arrastou para fora do porão e, carregando "um que tinha perdido os pés, prosseguiu lentamente em direção às montanhas.

O relato de Samuel sobre seu calvário depois da chacina em seu local de trabalho foi tão telegráfico quanto sua descrição da vida em Mugonero antes do genocídio. Diferentemente de Manase, ele encontrou pouco consolo em Bisesero, onde a única vantagem para as pessoas que resistiam era o terreno. Ele havia concluído que ser um tutsi em Ruanda significava a morte.

"Depois de um mês, disse ele, fui para o Zaire. Para chegar lá teve de atravessar áreas menos conturbadas descendo até o lago Kivu, e atravessar suas águas de noite numa piroga - uma jornada violentamente perigosa, mas Samuel não mencionou isso.

Manase permaneceu em Bisesero. Durante a luta, disse-me, "ficamos tão acostumados a correr que quando a gente não estava correndo, não se sentia bem. Lutar e correr deram coragem a Manase, uma sensação de fazer parte de um propósito maior que sua própria existência. Então foi baleado na coxa, e a vida mais uma vez se transformou em pouco mais que continuar vivo. Ele achou uma caverna, "uma rocha sob a qual passava um curso d'água e fez dela sua casa.

"De dia, eu estava sozinho", disse ele. "Só havia gente morta. Os corpos haviam caído na corrente, e eu os usava como uma ponte para atravessar a água e me juntar às outras pessoas à noite. Desse modo, Manase sobreviveu.

---

*Terminada a nefanda tarefa, o Pastor e seu filho médico continuaram em Rwanda por um pouco de tempo. Assim que a situação política se modificou, os dois fugiram. O Pastor foi para os Estados Unidos , colocando-se sob a proteção da corporação asd e morando numa grande mansão. Posteriormente, acabaram presos e condenados -- Elihaj HaRosh.*